Editorial

Evolução Tecnológica e Qualidade de Vida

Atualmente, muito se discute a respeito da evolução tecnológica na medicina. Entretanto, é cada vez mais freqüente a questão que envolve prevenção de doenças e qualidade de vida. Nesta seara, encontram-se os hábitos alimentares e sociais de cada um de nós. Com isso, queremos dizer que a busca por novos métodos terapêuticos é válida e sempre será, mas que a prevenção de enfermidades é um dos focos da medicina com que todos nós lidamos diariamente, desde o primeiro dia de nossa vida acadêmica.

A outra questão que não podemos deixar de lembrar é que a saúde não tem preço, mas tem custos. Neste item, as novas tecnologias são indicadas sem que as antigas sejam aposentadas. O médico solicita a radiografia convencional e adiciona a tomografia computadorizada e/ou a ressonância nuclear magnética para formular seu diagnóstico. Esses procedimentos contribuem para ampliar a expectativa de vida das pessoas, é verdade, mas resultam num aumento de custos.

Por essa razão, esforços corporativos passam a ter ênfase na prevenção, educação, segmentação de risco e acompanhamento de pacientes crônicos, por exemplo. Essas medidas contribuem na busca de soluções, mas por si só não resolvem.

A transformação da Medicina no último século deu-se de maneira "supersônica". Se nos detivéssemos nas pesquisas desenvolvidas pelos médicos e cientistas agraciados com o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina nos últimos cem anos (1901-2001) (sendo incumbido pelo Royal Karoline Medico-Surgical Institute – hoje Instituto Karolinska – da escolha dos indicados), veríamos que a questão da imunidade já havia sido lembrada por essa honrosa academia em **1908**, quando premiou ***Ilya Ilych MeTchnikov e Paul Ehrlich*** com o tema ***Imunidade***.

Em 1990, ***Joseph E. Murray*** e ***E. Donall Thomas*** receberam o Prêmio Nobel de Medicina com o tema **Transplante de órgãos e células no tratamento das doenças humanas**.

Ressaltamos esses dois momentos do Prêmio Nobel para enfatizarmos que a Medicina e a Ciência andam lado a lado, em consonância com a evolução da espécie humana.

No início do século passado, a expectativa de vida era uma; atualmente, é outra. Buscamos, na arte de sermos MÉDICOS, a essência da vida com qualidade, apesar de sabermos de nossas limitações. Nessa busca, aumentamos os anos vividos, bem como melhoramos nossa maneira de viver.

O artigo publicado neste número "A política de transplantes no Brasil", de autoria de Valter Duro Garcia, retrata questões epidemiológicas e técnicas do tema, alertando a sociedade médica sobre a necessidade de treinarmos profissionais nesta matéria, mostrando: quem pode e não pode ser doador de órgãos e tecidos, o significado da morte encefálica, o tempo de espera para o transplante, quem seriam os beneficiados e, finalmente, a necessidade do transplante. No bojo do tema exposto nesse artigo, não poderíamos deixar de destacar que "*a participação dos profissionais de saúde e da sociedade é um dos fatores determinantes do sucesso ou do fracasso dos programas de transplante*".

Por fim, uma das alternativas que poderíamos ter, seria uma maior parceria entre o sistema público e o privado. Na questão do transplante, observamos um setor público muito atuante e a medicina de grupo, muito acanhada. Necessitamos de um trabalho de mídia mais intenso e de uma parceria público-privada mais concreta nesta área.

GERALDO PEREIRA JOTZ
Editor Associado da *Revista da AMRIGS*

03-editorial.p65 273 11/1/2007, 09:04